

Carnaval da Memória, um Diálogo Reflexivo: linguagem e memória

*Idemburgo Frazão*¹

*Vanessa Figueiredo de Souza de Alcantara*²

*Raquel Carvalho Soares*³

Resumo: O trabalho aqui desenvolvido cria uma espécie de diálogo entre a memória e a linguagem, a partir de uma breve análise crítico-reflexiva de textos como os de Maurice Halbwachs e Walter Benjamin, que visam a despertar os leitores para a importância da memória enquanto elemento de resistência em relação à fluidez da vida contemporânea.

Palavras-chave: Linguagem, Memória e contemporaneidade.

Carnival of Memory, a Reflexive Dialogue: language and memory

Abstract: The work developed here creates a kind of dialogue between memory and language, from a brief analysis of critical reflexive texts like those of Maurice Halbwachs and Walter Benjamin, aimed to awaken readers to the importance of memory while resistance element regarding the fluidity of contemporary life.

Keywords: Language, Memory and contemporaneity.

Nos últimos anos, tem aumentado a quantidade de publicações acadêmicas preocupadas com aspectos inerentes à memória em sua imbricação com a linguagem. Na fluidez que marca o cotidiano contemporâneo, estudos como os de Maurice Halbwachs e Michael Pollak tornaram-se frequentes, não apenas no que diz respeito aos estudos da memória social e da história. No campo da literatura, as chamadas escritas de si, os textos de cunho autobiográfico como as cartas, têm sido cada vez mais apreciadas pelos leitores. Quando, como costuma lembrar o sociólogo polonês Zygmunt Bauman - a sociedade, em suas relações interpessoais cotidianas e mesmo afetivas, deixa de ter como marca o “olhar nos olhos do outro” -, as expectativas “tradicional” de se

¹ Doutor em Literatura Comparada pela UFRJ e mestre em Literatura Brasileira pela UERJ. Professor de Literatura Brasileira na Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO.

² Especialista em Direito Civil e Processo Civil pela Universidade Gama Filho. Professora de Direito da UNESA. Mestranda em Letras e Ciências Humanas pela Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO/RJ. E-mail: vanessafsouza@yahoo.com.br.

³ Especialista em Língua Portuguesa pela FEUC (Fundação Educacional Unificada Campograndense) Mestranda em Letras e Ciências Humanas pela Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO/RJ. E-mail: raquelsoares@rioeduca.net

“conhecer verdades” se perdem. O mesmo Bauman afirma que todo o aparato de conhecimento armazenado, ao longo de séculos de civilização, para dar conta da realidade perdeu sua eficiência. A “vida líquida” contemporânea é marcada pela sensação de insegurança e pela fragmentação. A memória, em sua imbricação com a linguagem, surge como campo de reflexão, não para a resolução efetiva dos problemas pós-modernos, mas como possibilidade que o cidadão tem de conhecer melhor sua(s) identidade(s). Um dos autores, no campo da linguagem e da literatura que vem recebendo grande atenção dos estudiosos, desde o final do século XX, é Mikhail Bakhtin. Alguns de seus conceitos e noções auxiliam pesquisadores em suas buscas de entendimento sobre aspectos fundamentais da sociedade, fundamentalmente no campo cultural. Os termos polifonia e carnavalização têm sido bastante difundidos nos estudos acadêmicos, principalmente na área das letras e das ciências humanas. O diálogo entre enunciados (ampliado por Julia Kristeva para intertextualidade) e a noção de carnavalização - a inversão em vários níveis e sentidos -, se apresentam enquanto motivadores para a realização das reflexões que aqui se intenta realizar.

O presente artigo, em seu desenvolvimento, irá realizar, o que aqui se denomina “carnaval da memória”, a partir da reflexão acerca de textos que darão ênfase à relação entre a memória, a linguagem. Trata-se, mais efetivamente, de um exercício reflexivo acerca das instâncias da memória e da linguagem. Textos como os de Walter Benjamin e de Maurice Halbwachs, dentre, outros nortearão os estudos sobre a problemática da memória e da linguagem na contemporaneidade.

As franjas do esquecimento

O texto *A imagem de Proust* trata de uma abordagem reflexiva sobre a obra e biografia de Marcel Proust, numa tentativa quase impossível de síntese de treze volumes de *A Procura do tempo perdido*, em um único texto que conjuga, de forma ímpar, a poesia e a memorialística. Esse texto benjaminiano reflete acerca da autobiografia de Proust. Esse memorialista transforma seus dias em noite e rememora forçadamente os acontecimentos de sua vida, a fim de desenvolver sua autobiografia e demonstrar a fragilidade da história construída a partir da memória. Ele traz ainda, a ideia de uma rememoração espontânea, responsável pelas pequenas práticas diárias, como: lembrar o endereço, o nome de parentes e outras tarefas diárias, que Verena Alberti denomina

memória ativa, permanente, à qual se recorre sempre que se precisa. (2004, p.35)

Maurice Halbwachs (2006) traz como elemento da rememoração, a repetição das ações do cotidiano. Já Ecléa Bosi (2003) entende representar um significativo material para a constituição de uma história. Segundo a autora, todos os objetos voltados ao uso cotidiano, aqueles incorporados à vida diária, que envelhecem com as pessoas, chamados “objetos biográficos”, são expressivos e falam.

No tocante ao esquecimento, guardadas as diferenças de campos de atuação e momento de vida dos autores, Benjamin (1994), Halbwachs (2006) e Alberti (2004), de certa maneira, compartilham da ideia de que o esquecimento faz parte da reminiscência e pode acontecer naturalmente, por um trauma ou como uma forma de autodefesa, uma vez que as lembranças são infinitas com relação aos próprios acontecimentos que as constituem e que as relações afetivas são essenciais para a sua seleção.

Ecléa Bosi (2003) considera o esquecimento um exemplo significativo da incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas que revela que a memória biográfica está contida na história cronológica da memória social.

Um ponto emblemático da obra de Proust, estudada por Benjamin é a dialética da felicidade, que para ele depende da existência de um ambiente ficcional, fantasioso capaz de transformar as recordações em momentos felizes. Ainda neste texto, Benjamin (1994) aborda a temática da imagem e semelhança como instrumentos a favor da rememoração e da nostalgia, porque criam um modelo de vida que se acreditava ser o ideal para as minorias do século XIX. Um modelo de subversão do próprio contexto social é apontado por Fiorin (2008), numa interpretação do pensamento bakhtiniano. Bakhtin passa a trabalhar com o conceito de carnavalização a partir do estudo que realiza da obra de Rabelais e não trata do carnaval como este é conhecido na contemporaneidade. Mesmo assim, pode-se afirmar que também ele tem na pluralidade de comportamentos e na inversão promovida e/ou provocada em certos ambientes, elementos em comum. A carnavalização, portanto é uma espécie de registro, de chave, que, na literatura, indica o caminho para a convivência das diferenças.

Em uma perspectiva antropológica e social, Ecléa Bosi (2003) critica as representações dispostas na história das minorias socialmente excluídas, ensinadas nas escolas e defende a capacidade das crônicas, relegadas como gênero literário menor, em

dá a palavra para eles, por trabalhar, principalmente, com os aspectos descontínuos dos eventos da vida.

Fiorin, ainda em uma interpretação do pensamento bakhtiniano, dedica um capítulo de seu livro *Introdução ao pensamento de Bakhtin*, ao tratamento da carnavalização como forma de ver e viver o mundo das desigualdades, mesmo que por um período, sem perder o sentimento de pertencimento do grupo. Segundo ele, essa nova forma de dispor da linguagem é a transposição do espírito libertador carnavalesco para a arte, resultante de uma mistura de diversos gêneros literários em um único texto criativo próximo do estilo romanesco.

Noutras palavras, a transposição do carnaval para a literatura constrói um mundo atípico que marca a obra pelo riso e se manifesta, principalmente, através da intertextualidade, das paródias, das citações caricaturadas da realidade e das paráfrases, numa percepção que coloca a palavra mais próxima da realidade e põe a vida “ao avesso”, derrubando as hierarquias e todas as formas de medo que ela acarreta: a veneração, a piedade, a etiqueta e as desigualdades.

O carnaval se apresenta como força regeneradora que relativiza alegremente o mundo e abole a distância entre as pessoas, por isso, dentre os atos carnavalescos mais importantes, destaca-se o “travestismo” (FIORIN, 2008) que possibilita a inversão não só sexual, mais social como um ato constitutivamente dialógico que, ao mesmo tempo em que proporciona a inclusão, exclui (remete-se aqui aos desfiles de carnaval luxuosos das escolas de samba das grandes cidades brasileiras).

Para melhor compreensão da carnavalização bakhtiniana, faz-se necessária uma análise mais aprofundada da teoria da “responsividade”, juízo de valor como instrumento de compreensão do texto com a participação ativa e dialógica do leitor invocando seus conhecimentos lexical, de mundo e outros. Teoria que se assemelha a uma continuidade ideológica da teoria tridimensional do direito de Miguel Reale, onde um acontecimento após ser valorado dá subsídio a criação de uma norma de direito. Pressuposto confirmado a seguir:

o fato, o valor e a norma estão sempre presentes e correlacionados em qualquer expressão da vida jurídica, o que aponta no sentido de que os filósofos, juristas e sociólogos não devem estudar nem analisar esses elementos de forma isolada, mas, sim, associados ao *mundo da vida*. (REALE, 2003, p.13)

Durkheimiano, Maurice Halbwachs, fala sobre as classes sociais, a partir de uma análise da memória dos vencidos, dos silenciados, propondo uma ruptura da história, questionando-a com base numa realidade memorável por esses indivíduos e personagens sociais.

Neste mesmo pensar, Alberti (2004) expõe em um dos capítulos de seu livro a tênue diferença entre a rememoração da história e a história oral, sendo essa última para ela, a construção da história a partir das memórias, e aquela apenas uma constatação da história oficial coletiva registrada. Para ela as memórias, sejam individuais ou coletivas são potencialmente fomentadoras da história oral que não, necessariamente, corresponde à social.

Segundo Halbwachs, a memória também passa a ter sentido, dependendo do contexto da história e, nesta perspectiva, o núcleo familiar é o primeiro grupo a influenciar na formação da memória individual. A memória coletiva surge como um fator social que reforça os sentimentos de grupo e a mídia tem o papel de evidenciar a lembrança de um fato ou de escondê-lo. Halbwachs (2006) diz “que para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível”, Ou seja, o relato dos fatos depende da ótica de quem conta. A versão dos vencedores nem sempre é a mesma dos vencidos.

Em *Escrita de si, escrita da História*, Ângela de Castro Gomes propõe um debate sobre a relação entre a história e a memória, a partir da análise de estudos biográficos e autobiográficos, na construção da história, também relativizando a versão oficial.

Tratando da memória, Bosi (2003) alerta para os riscos da má utilização da memória oral e cita Bergson que aborda a temática como História das Mentalidades ou História das Sensibilidades por possuírem uma “ideologização” da história do cotidiano como avesso oculto da história oficial hegemônica.

Na contemporaneidade, a escrita de si vem atraindo novos olhares e valor no meio acadêmico como objeto de estudo, por apresentar e corroborar com a ideia de que a vida cotidiana também é história – podendo também ser vista como ficção -, e por representar uma modelização identitária a partir da memória de seus escritores, como nos exemplifica o texto “A imagem de Proust”. Na sociedade pós-moderna em que o individualismo impera. O cidadão busca sua essência a todo momento, como

personagem de si mesmo. Assim, a escrita de si representa uma forma de lembrar a vida e a própria história estabelecendo uma relação de domínio sobre o tempo.

Bosi conclui que a sociedade industrial multiplica as horas mortas com efeito alienante. Bauman defende que a apreensão do presente deve acontecer através de um olhar crítico para o passado que não dá conta de responder e explicar os dilemas da vida pós-moderna, quando a sociedade se transforma rapidamente, não permitindo a consolidação de hábitos e rotinas das formas de agir e o consumidor se coloca como objeto de consumo.

Para Bauman a sociedade passa a ser baseada em incertezas e na relativização dos conceitos e da própria história. A vida, por essa visão, constitui-se um consumo desmedido. Essa “vida líquida” é precária, marcada uma infinita sucessão de reinícios.

Benjamin (1994) em seu texto *O narrador* alerta para os perigos da modernidade e das então novas tecnologias (como é o caso do cinema e da fotografia) para o declínio das narrativas, assim como Bauman, na contemporaneidade, em *Vida Líquida*.

Proust, de acordo com Benjamin (1994) acredita na modelização (adestramento) dos personagens sociais como necessidade de sobrevivência e adequação para circular nos meios feudais e por isso seus personagens possuem esses traços e influências. Sua arte é colocada a serviço das minorias como uma crítica social com base na análise do esnobismo, burguês com relação às forças produtivas, em especial às de baixo poder aquisitivo..

Nessa linha de pensamento, Verena Alberti defende a possibilidade de inversão social a partir do registro das memórias partidárias de determinados grupos ou indivíduos, que Benjamin em seu texto *O narrador* considera um instrumento importante para a construção de uma história mais próxima de uma verdade e ao mesmo tempo, perigosa por apresentar apenas uma versão desta.

Ângela de Castro Gomes (2004), alerta para a “ilusão biográfica” na utilização da escrita de si pelos historiadores sob o fundamento de que assim como a memória, a biografia e a autobiografia possuem “pontos de esquecimento”, uma vez que para escrevermos sobre nós utilizamos essencialmente a lembrança. Para Gomes “o texto é o centro da produção literária e suas características semânticas e culturais são fundamentais à atividade de pesquisa e ensino nessa área do saber.” (2004, p.8) Outro ponto importante na obra da autora é o debate sobre a relação entre verdade e

sinceridade, conforme apresenta uma nova concepção de “verdade conveniente”, aquela que perpassa pela ideia de sinceridade, mas que consiste em o indivíduo apresentar uma perspectiva diferente sobre os fatos históricos de acordo com sua própria conveniência.

No Brasil, as escritas de si, cartas, diários íntimos e memórias, nas últimas décadas, ganharam uma visibilidade e reconhecimento tanto no mercado editorial, quanto no meio acadêmico, mas ainda não suficientes no tocante a reflexão sistemática sobre estes tipos de escritos na área da história. Na literatura, tornaram-se muito conhecidas as cartas de Mário de Andrade para Drummond e para Manuel Bandeira, dentre muitas outras.

Benjamin (1994) na interpretação da obra de Proust entende que a memória é uma força rejuvenescedora capaz de enfrentar o implacável envelhecimento da alma e que as marcas do tempo em nossa pele são inscrições de uma história.

Proust morreu de asma e fez até mesmo da doença uma inspiração para sua arte que teve como principal matéria-prima a memória e a rememoração provocada pelo aguçar dos sentidos, em especial, a imagem, em prol da busca identitária e das possibilidades de inversão social. Para Proust, as emoções também podem ser reproduzidas na rememoração reconstruída através das imagens, em oposição a Halbwachs, que entende que as emoções não podem se repetir.

Verena Alberti (2004), Ecléa Bosi (2003) e Walter Benjamin (1994), numa perspectiva diferente da proustiana, defendem que o passado deve ser interpretado e questionado com base nos vestígios deixados no presente e que não existe uma única história.

Alberti (2004) divide esses vestígios em resíduos de ação (documentos e arquivos) e relatos de ação (as memórias e /ou biografias e autobiografias), dedicando um capítulo de sua obra ao estudo da ação da constituição da memória, tomando a memória coletiva como fato a ser considerado como “coisa”, na medida em que fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento de grupo. Sua temática principal é a história oral correlacionada aos elementos de sua concretude e a literatura, por isso dedica um outro capítulo a abordagem das interfaces dessas áreas de conhecimento, em uma reflexão sobre a metaficção como elemento distintivo, que preenche as lacunas da história. Logo, enquanto a história oral permite uma nova leitura dos silêncios da história de forma ficcional, mas linear, a literatura é intencionalmente ficcional na sua

essência.

Em uma breve síntese, pode-se afirmar que Bauman (2007) nos traz a ideia de uma sociedade pós-moderna consumerista⁵, em que o lixo é o presente e o futuro econômico; onde a criatividade tende a ser destruída pelas novas tecnologias e rápido acesso à informação. Ainda seguindo Bauman, as relações de consumo e diferenças do poder de compra provocam crises identitárias e que a educação é um caminho possível de resistência. Para o autor de *Vida Líquida* o advento dessa “modernidade líquida” faz morrer as utopias da sociedade do passado em que nada se apreende e a velocidade das transformações é constante.

Um dos diferenciais no texto de Ecléa Bosi para os demais autores aqui mencionados está na linha de pesquisa direcionada ao estudo da memória social e as reflexões provocadas sobre as narrativas do cotidiano; sobre a função terapêutica das narrativas de histórias; sobre a função prática da memória em limitar a indeterminação do pensamento e da ação, e por fim, em atribuir maior importância a memória sobre o tempo vivido, citando os velhos e as associações por imagem e hábitos (memória-imagem e memória-hábito) como precursores e elucidadores desta tese.

Lembrando que a arte não mente e nem afirma verdades e que apenas nos mostra uma das faces possíveis da realidade, pode-se perceber como o campo literário passou, na contemporaneidade, a fornecer instrumental para o entendimento de uma sociedade que prima pelas aparências, nesse momento em que as instâncias da verdade cedem à vigência da virtualidade. Ao desconstruir os discursos, para usar um termo cunhado por Jacques Derrida, e aprofundar reflexões sobre a memória, pode-se ver com clareza a importância de se estudar as imbricações entre a memória e o veículo que a sustenta: a linguagem.

Nesse momento, torna-se importante frisar que enquanto a literatura tem a intenção de “trair a verdade” e é fruto dos “atos de fingir” a história possui uma relação maior com a fidelidade dos fatos, baseada em memórias individuais e coletivas de um grupo, sem a intenção ficcional do narrador e do ouvinte em fingir. Dessa forma, diz-se que a história, oral ou textualizada, não possui por si só a “literacidade” (termo usado

⁵ O mesmo que relação de consumo. Maria Helena Diniz em seu Dicionário Jurídico (Ed. Saraiva, S.P., 1998) define consumerismo como a preocupação de garantir e tutelar juridicamente os interesses do consumidor na aquisição e utilização de produtos e serviços que lhe são ofertados, superando o princípio da relatividade dos contratos, impondo a responsabilidade civil objetiva do fornecedor.

por Verena Alberti) e por isso, não podemos dizer que toda história é literatura.

Segundo Bauman, a vida moderna caminha para uma forma de vida líquida que destrói a possibilidade da existência de outros modos de vida. Já, Gomes, trata da importância do registro da memória para os indivíduos modernos, conforme podemos desprender do trecho a seguir:

Os registros de memória dos indivíduos modernos são de forma geral e por definição, subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas. Seu valor, especialmente como documento histórico, é identificado justamente nessa característica, e também em uma qualidade decorrente de uma nova concepção de verdade, própria às sociedades individualistas. (GOMES, 2004, p.13)

Considerações finais

Nesse exercício de reflexão acerca da imbricação das instâncias da memória com a linguagem, no mundo contemporâneo, pôde-se articular noções de autores diversos, abrindo espaço para a percepção da existência de uma forte relação entre as instâncias da linguagem e da memória. Percebe-se que ambas não se dissociam quando a memória está “em ação”.

Como se pôde perceber, deu-se ênfase, no desenvolvimento do texto, para a maneira como os autores tratam da história (da memória) de vida dos indivíduos, trabalhando com a noção das escritas de si. Tais “escritas” integram um conjunto de modalidades de produção biográficas no mundo moderno ocidental que têm adquirido cada vez mais espaço e relevância por representarem fragmentos de uma história oficial e memória social coletiva, que preenche os espaços do tempo no presente. Entretanto, a memória é a protagonista de toda essa história, uma vez que dá subsídios para contestação do presente através do olhar para o passado, às vezes nem tão distante que será projetado no futuro inesperado.

Atualmente, entende-se estar num patamar de sociedade pós-moderna, em que não dá-se conta da perda do domínio sobre o tempo e dos conflitos existenciais e identitários, do sentimento de pertença, que Bauman (2007) considera como a “eternização do óbvio”. Nesta perspectiva, Ângela Gomes (2004) defende que “o indivíduo moderno está constituindo uma nova identidade para si através de seus documentos cujo sentido passa a ser alargado” (2004, p. 11), pelas novas releituras da

própria vida.

Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: Textos em História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

BAUMMAN, Zigmund. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. A imagem de Proust. In: **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: Ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

DINIZ, Maria Helena. **Dicionário Jurídico**. São Paulo: Saraiva, 1998.

FIORIN, José Luiz. Carnavalização. In: **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2004.

GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si: escrita da história**. (org). Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HALBWACHS, Maurice.. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou – São Paulo: Centauro, 2006.

REALE, Miguel. **Teoria Tridimensional do Direito**. São Paulo: Saraiva, 2003.